

Valéria: Uma História de Vida

Éverton Luís Sebastião¹
Eliana Perez Gonçalves de Moura²

Resumo: O artigo aborda o tema da diversidade sexual, especificamente a transexualidade. Constitui uma investigação do tipo exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa que visou analisar a história de vida de uma artista transexual, negra que enfrentou a não aceitação de sua condição, por parte da sociedade, manifestada na forma de preconceito, conseguindo mostrar seu trabalho, por meio da paixão pela música e seu “dom” de cantar. O problema de pesquisa indagou: qual o percurso de vida de uma artista transexual negra para lograr inserção social e reconhecimento profissional? Qual é a sua história de vida? A pesquisa adotou o método biográfico cujo material narrativo foi analisado segundo dois eixos: padrões normativos do masculino/feminino e transgressões. Os resultados visibilizam marcas da força compulsória da heteronormatividade que ao longo de seu percurso de vida foram neutralizadas pela força da arte.

Palavras-chave: Diversidade sexual, Transsexualidade, Heteronormatividade, Narrativas autobiográficas.

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Feevale.

² Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2003). Atualmente é docente do curso de graduação em Psicologia e docente-pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social e do Mestrado Acadêmico de Psicologia da Universidade Feevale

Problematizar as questões relativas à construção de gênero no meio artístico trans, implica suspeitar da “força compulsória da heteronormatividade para a definição de posições sociais designadas para aqueles/as que vivenciam outras sexualidades e expressões de gênero.” (Petry e Meyer, 2011, p. 194). Neste contexto, em se falando da música, as representações dominantes (heterossexuais), resultado do processo de aprendizagem social, agora ampliam-se e se tornam conhecidos do grande público.

De forma ortopédica e acrítica, fomos submetidos a essa aprendizagem e, de alguma forma, todos e todas nós estamos habilitados(as) a transmitir a heterossexualidade – por paixão ou por medo. Enquanto sexualidade obrigatória e compulsória, ela é agenciada através de representações e práticas sobre/do desejo e dos prazeres em instituições, saberes e conhecimentos, leis e políticas, cultura e sociabilidades. (Pocahy, 2017, p.51)

De acordo com Almeida (2018), o gênero é culturalmente especificado entre o dimorfismo sexual humano e a definição do masculino e do feminino que acompanham os dois sexos biológicos. Jesus (2012) ressalta que apesar daquelas características que são comuns a todo ser humano, cada sujeito é um ser único. Todos nós possuímos características que nos identificam e nos fazem diferentes uns dos outros; desde os traços fisionômicos, o território em que nascemos, a origem social, assim como as diferenças de raça, religião, entre tantas outras características, cada uma demarca e define a diversidade humana.

Contudo, como relata Pocahy (2017), algumas pessoas sofrem uma desqualificação e até mesmo enfrentam o terror social e se veem impedidas de participar de processos em suas comunidades e/ou instituições. Poucos sujeitos conseguem romper com o padrão imposto (heteronormatividade) temendo sofrerem variados tipos de sanções que marcam suas trajetórias de vida, na medida exata da complexidade de cada história. O referido autor afirma ainda que pessoas que compõem a sigla LGBTQIA+ (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual e demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero), muitas vezes

são impedidas de exercer suas profissões por uma paranóia institucionalizada baseada na crença de que poderiam perturbar sujeitos e instituições.

A partir deste contexto, o presente estudo analisa a história de vida de uma artista transexual preta, problematizando o percurso que a conduziu ao reconhecimento social e profissional a despeito da condição transexual. Entende-se que traçar essa trajetória de vida implica importantes repercussões que criam marcas singulares que, no entanto, resultam de eventos sociais mais amplos.

Isso coloca em xeque a noção ficcional constitutiva das democracias pautadas por princípios de igualdade, fraternidade e liberdade. No mundo devastado pelas forças coloniais, a liberdade não é negra (2/3 da população carcerária brasileira é composta por negros e pardos), as políticas de fraternidade estão profundamente entrelaçadas ao corporativismo das elites dominantes e as políticas de promoção de igualdade vem sendo constantemente minadas pelos governos cada vez mais cafetinados pelas ideologias neoliberais, precarizando a vida e explorando a pobreza como fonte inesgotável de manutenção do status quo dessas mesmas elites. (SILVA, 2020, pg.221).

Nesse sentido, trajetórias de vida dos indivíduos constituem um importante foco de interesse científico no campo das ciências sociais e humanas, em especial, da psicologia. Desse modo, entendemos que ao percorrer as marcas que se produziram no curso de uma vida individual, também estaremos visibilizando as diferentes formas sociais que, insidiosamente se impõem, ainda que como vestígios, demonstrando como essas duas dimensões se entrecruzam e interferem em si, estabelecendo combinações sistemáticas.

Narrativas de História de Vida

As histórias de vida, conforme Saveli (2006), não são construídas somente pelo relato da experiência dos sujeitos, mas também através de escritos, fotos, filmagens, canções, poemas e uma infinita variedade de fontes que ficam disponíveis em acervos

públicos e/ou particulares. A vida vai se construindo sempre, num processo contínuo que se encerra com a morte e, mesmo assim, tudo o que foi construído entre o nascimento e a morte fica como herança. Nesse processo de construção social e cultural, histórias de vida expressam subjetividades, sentimentos e desafios, relações sociais, familiares e amores que se tecem na vida de cada sujeito. O autor ainda nos esclarece que as histórias de vida não são somente a expressão da particularidade dos sujeitos. Histórias de vida expressam os valores, os costumes, as tendências significativas de um tempo da sociedade, do mundo. Por isso, momentos de vida de pessoas que de alguma forma tem relatos de superação que motivam outras vidas acabam sendo histórias de todos, todos os dias.

As narrativas autobiográficas ou memoriais estão no campo da história oral que abarca estudos entre memória e história, trajetórias pessoais, biografias, autobiografias e histórias de vida. O exame de narrativas memorialísticas, autobiografias, diários vem se constituindo como uma tendência metodológica no contexto da pesquisa. Essa tendência do escrever-se tem lugar na historiografia e representa esforços individuais no sentido de construir uma versão longitudinal do si-mesmo. (Saveli, 2006, p. 95)

Conforme Abreu (2004), o relato de vida, foca-se em fatos que um sujeito vive ou vivenciou, não buscando uma necessária fidedignidade total dos fatos, pois o maior interesse, nas histórias de vida, são os pontos de vista dos envolvidos. O propósito é justamente a compreensão dos relatos interpretados pelo autor, os relatos passados, tendem a se tornar mais exigentes no presente. Abreu (2004) também ressalta que "por mais objetivo que se tente ser, todo relato é sempre uma construção imaginativa." (p.42).

De acordo com Abrahão (2003), dependendo do modo como nos são relatadas, as narrativas permitem universalizar, generalizar e ilustrar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes. Sendo assim os relatos de histórias de vida para quem as lê, podem ser fontes de aprendizagem, pois toda história de vida contempla também

muitas potencialidades dos atores/autores. Assim, dependendo do modo como nos são descritas, as histórias de vida permitem generalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes.

Heteronormatividade

Referindo-se a heteronormatividade, Louro (2008), lembra que "há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase: Ninguém nasce mulher: torna-se mulher." (p.17). Nessa direção, Alós (2011) afirma que o processo de aprendizagem é contínuo e alcança as mais diversas áreas da vida, inclusive o gênero e a sexualidade. Meyer, Klein e Andrade (2007), também ressaltam a dimensão da aprendizagem quando chamam atenção para as diferenças no processo educativo de meninos e meninas. De acordo com as referidas autoras, em geral, as práticas de educação de meninos/homens, estão relacionadas a atividades que buscam a exploração da razão, estimulando o gerenciamento e comando, baseados nos valores da competitividade e da agressão. E, quanto às meninas/mulheres, voltam-se a promoção da delicadeza, da sensibilidade, da passividade, estimulando aquelas atividades que remetem ao cuidado. Trata-se do processo de produção social dos comportamentos heteronormativos que seguem instituindo dessemelhanças de gênero.

Conseqüentemente, esses ensinamentos incidem sobre as nossas formas de viver a sexualidade, os nossos prazeres e, sobretudo, as formas de nos relacionarmos com o cuidado e a promoção da saúde, reduzindo ou aprofundando situações de vulnerabilidade. (Meyer, Klein e Andrade, 2007, p.234)

Também Silva e Nazário (2018), apontam as diferenças das relações de gênero, mencionando a histórica tradição que prescreve que o homem é forte e a mulher é frágil, num processo incessante de construções de gênero, baseado nesse binarismo. Os autores ainda destacam que as "representações de subjetividades de gênero são diversas e, uma

vez constituídas, [tornam-se] constituintes de relações de poder, sofrem resistência." (Silva e Nazário, 2018, p.4). Para Petry e Meyer (2011), essa resistência se ancora na heteronormatividade - anunciada como uma normalidade – e toma o gênero como elemento "organizador da cultura, e em articulação com a sexualidade, [modulando] o modo (...) como homens e mulheres devem se comportar" (p.195).

Método: a produção do material empírico

No âmbito deste estudo, para compreender a trajetória da artista, optamos por analisar os acervos da sua história de vida disponíveis na internet, assim como entrevistas, relatos e reportagens, combinados a realização de uma entrevista presencial. Desse modo, garantimos o reconhecimento da investigação dos comportamentos e o processo de produção de sentidos em seu contexto particular, visando um melhor entendimento da história de vida de nossa personagem. Conforme assevera Spink (2013),

Se um entrevistado, por exemplo, ao ser indagado sobre um assunto qualquer, diz: "Pois é, eu me lembro da minha infância, quando meu pai...", nesse momento, num esforço de produzir sentido, ele traz para a dialogia a voz do pai. Pode trazer também a voz da professora, do amigo, da mãe. Todas essas vozes permeiam essa prática discursiva e se fazem nela presentes, com maior ou menor ênfase, dependendo do tema em pauta, do local, de quem pergunta, enfim, do contexto em que são produzidas. (Spink, 2013, p.27)

Desse modo, seguindo o método biográfico, desenvolvemos uma investigação do tipo estudo de caso, exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, adotando o recurso da triangulação de procedimentos de produção de dados. Para tanto, foi realizada uma entrevista narrativa com Valéria, artista transexual, negra que vive em Porto Alegre/RS, em agosto de 2018. A entrevista narrativa foi complementada pelas informações contidas em seis outras entrevistas de cunho jornalístico concedidas, por

Valéria, no período compreendido entre 2014 e 2018 e disponibilizadas pela artista em diferentes sites da web.

A partir dessas fontes, construímos o *corpus* da análise lançando sobre ele uma pergunta heurística inicial: o que aconteceu na história de vida de Valéria? Dessa forma, a narrativa de vida de Valéria constituiu-se tomando como foco de análise dois eixos de enunciação: os padrões normativos do masculino/feminino e as transgressões aos padrões normativos.

Padrões normativos do masculino e feminino ou como devem se comportar:

Petry e Meyer (2011) afirmam que o gênero constitui um elemento organizador da cultura que, em conexão com a sexualidade, articula e define o modo heteronormativo de como homens e mulheres devem se comportar.

[...]quando criança eu tinha convicção plena e hoje tenho a certeza, de que eu era menina. O marco da minha vida foram duas semanas antes de eu completar meus 18 anos, que eu contei pra minha mãe, que era a pessoa mais importante pela qual eu devia uma satisfação com relação a isso, parece que eu tirei o peso do mundo das minhas costas. (entrevista no Programa Astros, 2012)

No excerto acima Valéria traz emoção e alívio por poder ser e se mostrar quem realmente é para sua mãe e, de certa forma, condiz com as postulações de Piscitelli (2009), quando examina os processos culturais da identidade de gênero.

[...]quando nascemos somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com os órgãos genitais, como menina ou menino. Mas as maneiras de ser homem ou mulher não derivam desses genitais, mas de aprendizados que são culturais, que variam segundo o momento histórico, o lugar, classe social. [...] às vezes, algumas pessoas nascem com traços genitais de um sexo, mas sua "identidade de gênero" está associada ao outro sexo. (Piscitelli, 2009, p.124)

No entanto, o excerto também parece estar compatível com Jesus (2012) quando afirma que “cada pessoa transexual age de acordo com o que reconhece como próprio de seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres” (p.15). Nessa mesma direção, Brah (2006) afirma que existem diferentes categorias de mulheres, dentro de organizações estruturais e ideologias mais dilatadas, nas palavras da autora:

O signo "mulher" tem sua própria especificidade constituída dentro e através de configurações historicamente específicas de relações de gênero. Seu fluxo semiótico assume significados específicos em discursos de diferentes "feminilidades" onde vem a simbolizar trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares. (Brah, 2006, p. 341)

Contudo, Meyer, Klein e Andrade (2007) lembram que a construção social dos padrões normativos do masculino/feminino, tomam como referência e princípio os dados biológicos de homens e mulheres, definindo-os como “naturais”, comuns e universais de cada sexo. Esse processo de naturalização, nega e desconhece o caráter de construção das identidades sociais, das pluralidades do humano bem como as referências históricas, sociais, culturais e políticas que também envolvem a produção das linguagens que formam um sujeito e seu gênero. Nesse sentido, Haraway (2004) assevera que crescem os indícios da necessidade de uma teoria da diferença, cujos padrões e lógicas se esquivem dos binarismos e se abram às discussões sobre os modelos natureza/cultura de todo tipo. A referida autora ressalta que o gênero é central para as formações e especificações de sistemas de diferença.

Cavalcanti (2010) chama a atenção para a importância do reconhecimento e conscientização sobre a diversidade quando se trata de sexualidade, de identidade e de identificação. Considerar a diversidade contribui para o gradativo desaparecimento de eventos complicados de discriminação que costumam ser difíceis de serem entendidas.

Nesse sentido, as questões de gênero que impõem marcas do heteronormativo são relatadas por Valéria, em uma passagem em que foi questionada sobre sua roupa:

[...]imagina tu não poder se expressar da maneira que a tua cabeça diz que é correto que tua cabeça diz como é que tem que ser, e tu não conseguir porque não te deixam, quer dizer, eu ouvi coisas horríveis do tipo, um dia eu dei uma escapadinha e usei uma blusa mais justa e ele disse: ah, vai lá e troca de roupa pra não passar vergonha. (entrevista de 02/09/2017 disponível no youtube)

O excerto acima evidencia que há ali um sujeito com desejos, sonhos, que está atrás do seu desenvolvimento pessoal assim como qualquer outro sujeito independente da sexualidade. Cavalcanti (2010) destaca que esse entendimento sobre a sexualidade, reforça o caráter cultural e social pelo qual se estabelece uma sociedade que, embora se queira democrática e de direitos para todos, não reconhece a diversidade humana. Piscitelli (2009) corrobora, ao afirmar que o gênero está relacionado com a cultura, incluindo tudo que se aprende desde o nascimento. Com efeito, a identidade de gênero, faz parte do processo de aprendizagem cultural, assim como dos hábitos. Ou, dito de outro modo: o que estabelece diferença de gênero, não está na natureza ou na biologia, está na esfera da cultura.

Caetano e Scisleski (2011) reafirmam a constituição social do gênero, chamando atenção para a existência daqueles que, por não se enquadrarem nos padrões normativos, ficam expostos às mais diferentes formas de desigualdades sociais; sofrem preconceito, são discriminados e/ou capturados por uma rede de invisibilidade. Os referidos autores mencionam formas delicadas de preconceito que se expressam por meio de olhares de reprovação, discriminação e, às vezes, até repulsa.

De forma indireta, o relato de Valéria sobre sua mãe, remete a esse processo:

[...]minha mãe dizia que quem não é visto não é lembrado, sou a cara da minha mãe né (risos) ela sempre dizia que temos que estar em algum lugar, fazendo alguma coisa, mostrando a carinha, porque quem não é visto não é lembrado e é uma coisa forte que tem que acontecer mesmo porque o conservadorismo quer nos esconder, né se puder aniquilar, né aliás, um dos

pilares deles é esse, quer nos esconder, nos aniquilar, não demonstrar carinho em público por exemplo, que não saia na rua, porque querem nos esconder, mas isso não pode acontecer alguém tem que aparecer sim, mas vamos deixar as coisas naturais né. (entrevista presencial 21/08/2018)

De acordo com Almeida (2018), no que se refere às pessoas trans, várias são as formas de hostilidade e agressões sofridas diariamente. Quando não são assassinadas são alvo de diversas violências físicas, indicando uma forma explícita de silenciar as “ruidosas e perturbadoras perguntas das quais elas são portadoras.” (p.) Outra forma comum de hostilidade se expressa no preconceito e desrespeito. No excerto abaixo, Valéria traz uma passagem de sua história que, pelo avesso, ilustra uma situação que pode ser oportunidade para o preconceito e desrespeito:

[...]em 2009, uma crise de dor e fui parar no HPS, chegando lá eu não tinha trocado de nome ainda, chegando lá eu fui colocada na ala masculina, né e aí que eu falo que as pessoas precisam ter um pouco de bom senso nesses casos, a chefe da enfermagem chegou pra mim e perguntou como é teu nome? aí eu fiquei olhando pra ela e ela disse, não, qual o nome que tu quer que eu te chame, daí eu disse meu nome é Valéria, ela disse ótimo, eu vou fazer uma orientação pra todo o corpo de enfermagem, pra que eles te chamem de Valéria, ta... eu achei isso o máximo, uma coisa que ela não precisaria ter feito assim, sem obrigatoriedade legal de fazer isso, ela fez por pura e boa vontade dela. ela disse: não posso te tirar dessa ala aqui, por mim eu te tirava, mas eu não posso fazer isso, pois vai além da minha vontade, vai além do que eu posso fazer, mas eu vou fazer o seguinte, vou colocar um biombo aqui onde tu tá, para os homens não fiquem te olhando, foi uma coisa muito simples, mas que tornou a minha estadia naquele hospital, uma tranquilidade, assim sabe porque aquele biombo parecia que tava me protegendo do mundo que era uma coisa que eu não tinha fora daí fora do hospital. (entrevista presencial 21/08/2018)

Nesse sentido, Ceccarelli (2008), destaca a importância do nome social que, além de formalizar a identidade de gênero, oferece a muitos transexuais a opção de evitar os entraves práticos e as aflições de ordem física envolvidas em uma cirurgia de redesignação sexual. De acordo com o autor, muitos preferem trocar o sexo e o nome na certidão de nascimento do que se submeterem a uma cirurgia.

Com efeito, o decreto de lei 8.727, de 28 de abril de 2016, que autoriza o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero, preservou as pessoas travestis ou transexuais do constrangimento de serem chamados por um nome de nascimento que não condiz com o sexo biológico. Para Valéria, trata-se de

[...]representatividade que as pessoas falam que é besteira, mas que é super importante, até porque a visibilidade nos coloca em algum lugar visível porque a gente não quer se esconder, a gente não quer viver que nem rato, que nem barata, escondido em um lugar escuro, né essa luz jogada em cima da gente que é jogada, que não seja a da página policial, ou da página de mortos do jornal essa luz que nos colocam enquanto protagonistas de alguma coisa faça que a gente seja bem vista ou pelo menos tente que sejamos ser bem vistas, né e claro que isso faz muita gente dizer, poxa se ela conseguiu eu também consigo, né [...] cheguei aqui em 2005, pessoas trans que cantavam por exemplo eu nunca tinha visto, hoje já vejo um monte e tomara que eu contribuí pra isso porque é muito importante e tem vários profissionais incríveis em todas as áreas da música que tem medo de ser pioneiro. (entrevista presencial 21/08/2018)

Piscitelli (2009) afirma que a representatividade é um ponto de partida importante para o desenvolvimento social das minorias. Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988, fundamentada na declaração universal dos direitos humanos, foi essencial para superar todas as leis discriminatórias existentes anteriormente no país e possibilitar um processo de revisão da legislação nacional. Nesse sentido, ainda que que, em pleno século XXI, as desigualdades entre o público LGBTQIA+ sejam tão visíveis quanto os mandatos heteronormativos, vale lembrar a criação da lei do nome social que demonstra ser possível alguns avanços, ainda que demandem tempo. De acordo com o relato de Valéria:

[...]foram dois anos e meio, dois pra trocar o nome e meio pra trocar o gênero na certidão de nascimento. [...]falando do nome social, que eu acho essa expressão muito estranha também, o nome de convivência, digamos assim, uma relação que criei agora, éhhh não é puramente uma vaidade da pessoa trans ou uma coisa que vá fazer ela se sentir melhor, por ta congruente com o gênero com a qual ela se identifica. (entrevista presencial 21/08/2018)

Quando peguei a certidão pela primeira vez, chorei. É um atestado de dignidade.(entrevista para revista digital em 17/07/2018)

[...]falando da questão da carteira social quando surgiu que era pra dar um pouco mais de dignidade para a pessoa trans, mas a dignidade acabava no balcão do primeiro lugar que íamos pra pedir uma informação, a pessoa pegava e dizia não, não sei o que é isso, me dá outro documento e ai, acabava a dignidade da pessoa. (entrevista presencial 21/08/2018)

Conforme Assis (2011), nos últimos anos, a sociedade vem se mobilizando em favor da naturalização das questões LGBTQIA+, o que tem resultado em avanços importantes em relação ao reconhecimento de seus direitos de cidadão. Contudo, isso não significa que estejamos diante de um amplo processo de aceitação e reconhecimento social das "minorias". Para Alves (2016) a realidade é complexa e, mesmo diante de leis de igualdade de gênero, as desigualdades e práticas discriminatórias persistem e continuam prejudicando as pessoas e os grupos sociais. (p.630)

De acordo com Pocahy (2017) a heterossexualidade ainda impõe seus símbolos, seus códigos e rituais, suas formas de organização; as formas de vestir, andar, falar expressas na expressão: meninas vestem rosa, meninos vestem azul. Com efeito, em uma sociedade conservadora como a brasileira, não há indicações positivas para lidar com os desafios impostos pela diversidade. Segundo Pocahy (op. cit.), não há outra alternativa senão (com)viver a diversidade, enfrentando angústias e nos questionando sobre quais parâmetros definem o que é normal ou natural.

Abordando os modelos de representação de corpos e subjetividades não heterossexuais, Sanches (2017), afirma que se os corpos homossexuais apresentarem gestualidades e/ou códigos típicos da heterossexualidade, o meio social tenderá o meio social lhe autorizará ocupar o lugar de privilégio da heterossexualidade porque os considerará em consonância com as normas culturais de gênero. Segundo o autor, esse constitui um dos esquemas de poder da heterossexualidade, que são traduzidos como normas de gênero que controlam o corpo com o objetivo de manter coerente o sexo e o

gênero. Trata-se de um processo que materializa o gênero e o sexo nos corpos através de normas que regulam, reiteram, reforçam e ratificam a “normalidade”. Conforme Petry e Meyer (2011), trata-se de um processo que disciplina delineamentos de masculinidade e de feminilidade. O excerto abaixo resume o processo acima descrito, quando Valéria relata uma situação na qual foi “aconselhada” a parecer quem realmente não é:

[...]vamos fazer um teatrinho, na banda tu age como menino e fora tu age como quiser mas isso começou a me incomodar um pouco e saí da banda. (entrevista de 24/10/2017 disponível no youtube)

De acordo com Sanches (2017) pensar a heteronormatividade implica compreender que há um esquema de conexões entre corpo, sexo e gênero, de tal forma que mantém estável as normas de gênero. Isto é, o corpo opera como agente de precarização das normas de gênero, porque é só na repetição delas que a simulação de realidade do gênero pode ser vivida. Conforme o referido autor, “é na precariedade das normas que há a possibilidade dos desvios, das repetições desordenadas, da paródia ou do embaralhamento das normas dedicadas aos gêneros [...]”. (p.180)

De forma complementar, Leal (2021) afirma que nesse processo se encerra uma operação ciscolonial de formação de valor que procede pela “acumulação negativa da transformabilidade dos corpos trans” conjugando “abjeção e objetificação.” De acordo com o referido autor, abjeção e objetificação “se complementam para anular o valor das falsas inclusões ou dos falsos sucessos relegados socialmente aos corpos transgêneros.” (p.12)

Assim são produzidos os parâmetros e difundidos os valores, culturalmente validados e naturalizados que roteirizam o sistema heteronormativo gerando comportamentos e corpos considerados pertinentes pelos discursos psicológicos e dados como normais pelo discurso biológico. Talvez, por esse motivo, Valéria precise continuamente mostrar e justificar que é mulher:

[...]eu vou levar a certidão de nascimento hoje lá na cerimônia, porque eu fiquei sabendo que algumas pessoas falaram que eu não merecia esse prêmio (Mulher Cidadã Gaúcha 2016 - Categoria Cultura), por não ser mulher, transexuais não são consideradas mulheres e nem cidadãs, sendo bem realista. (entrevista de 09/03/2016 disponível no youtube)

O excerto acima remete à linearidade gênero-sexo-sexualidade, padrão cultural da heteronormatividade considerado "normal". Com efeito, tornar-se homem ou mulher pressupõe e implica investimentos continuados para a construção do gênero. Logo, ser homem ou ser mulher não implica somente sexo biológico, mas a estruturação que é feita ao longo de toda vida.

Pocahy (2017), diz que estamos todos instruídos, ensinados a disseminar a heterossexualidade por paixão ou por medo, o autor fala que enquanto sexualidade obrigatória e compulsória, ela é negociada através de representações e práxis do desejo e dos prazeres em instituições, saberes e entendimentos, leis e políticas e que envolve a nossa cultura e no que está envolto à sociabilidade. Petry e Meyer (2011), entendem a heteronormatividade compulsória, como perspectivas teóricas que assumem uma noção de cultura, como campo de significações, com discursos elaborados e legitimados. Estando esses significados sempre em incessante movimento e esses processos de significação estão misturados com a produção de sujeitos de gênero e de sexualidade.

Em relação a construção/produção do gênero Pocahy (2017), problematiza se essa produção estaria para sempre garantida, questionando se todos os sujeitos respondem da mesma forma e acatam as determinações. Ressalta que não há apenas dois gêneros e um número par de experimentações da sexualidade. Para o referido autor, “a noção de gênero se constituiria desde sempre em uma prática regulatória e artifício de inteligibilidade dos corpos e abjeção dos desejos.” (p.59)

Os excertos abaixo, evidenciam os argumentos do referido autor, na fala de Valéria.

[...]eu queria ser professora, achava que a coisa mais legal do mundo era ser professora, minha professora era linda, uma mulher muito bonita. (entrevista de 24/10/2017, disponível no youtube)

[...]eu estava inspirada aquele dia, com um vestido de princesa. (entrevista de 03/05/2016, disponível no youtube)

[...]eu sou lá de Santo Ângelo, terra de mulher bonita, Renata Fan é de lá e eu também. (entrevista de 29/07/2014, disponível no youtube)

[...]porque é que a professora insiste em me colocar na fila dos meninos se eu não sou menino. (entrevista de 29/07/2014, disponível no youtube)

[...]Quando eu tinha uns 9 anos, minha mãe me levou à psicóloga. Ela me ofereceu uns brinquedos, e pensei: não posso dar pinta, que eu sei por que estou aqui. Peguei um carrinho, mas tinha uma Barbie tããão linda, com asas de fada... Eu queria era brincar com ela. Peguei a boneca e botei dentro do carrinho.(entrevista para revista digital em 17/07/2018)

Pocahy (2017) ressalta ainda que muitas das questões que se relacionam com a sexualidade decorrem das construções que edificamos em torno do gênero e das várias formas de se perceber o uso do corpo que são, geralmente, elencadas ora em modelos científicos, ora em moralidades religiosas. É uma lástima, segundo o autor, que a maioria dos sujeitos que não se enquadram na heterossexualidade são, muitas vezes, impedidos de exercer suas profissões, por conta de uma crença paranóide institucionalizada, fixada na idéia de que tais sujeitos representam perigo para a sociedade e para as instituições sociais porque possuem o poder de modelar identidades.

Não obstante, no mundo atual, o desejo de ser quem realmente se é, cada vez menos se dobra e se enquadra em normas sociais, mas segue o sentido que o sujeito quer atribuir ao seu desejo. Louro (2008) afirma que, ainda que desde sempre as "normas" culturais nos sejam impostas, os sujeitos começam a impor seus desejos, sem medo ou receio de punições.

As transgressões ou como homem e mulher não devem se comportar:

Louro (2000), afirma que a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas também, é social e política; a sexualidade é produzida durante toda a vida de várias maneiras e por todas as pessoas e, portanto, uma invenção social que se constitui a partir de inúmeros discursos.

[...]eu adoro ser essa pessoa que você detesta, para de meter o bedelho onde não te interessa, é exatamente assim que eu me sinto né, uma pessoa feliz do jeito que é, eu costumo dizer que eu saí do armário porque tinha poeira e eu tenho rinite (risos). [...]eu sei que a minha imagem chama atenção, eu sei que é difícil ver uma trans que canta, eu sei o quanto a minha imagem causa curiosidade nas pessoas. (entrevista de 03/05/2016, disponível no youtube)

[...]nunca julguem um livro somente pela capa, leiam esse livro, procurem entender essa história, vocês vão descobrir coisas muito fascinantes da vida das pessoas, ensinamentos muito maiores e que todo mundo sofre e passa por dificuldades, mas que o melhor de tudo, de tudo isso é que a gente pode levar tudo isso numa boa e com bom humor, porque mau humor da rugas e faz a gente transar mau e eu sou casada há 3 anos com meu bom humor, então, sejam felizes. (entrevista de 29/07/2014, disponível no youtube)

Temos de ocupar os espaços como se fosse um rio, que não respeita margem e vai derrubando tudo. (entrevista para revista digital em 17/07/2018)

De acordo com Teixeira (2012), as transexuais passam por um investimento de mudança de identidade bastante significativo, experimentando transformações que vão além da mudança para um novo corpo, um novo nome, que exige dê sentido ao processo de deslocamento que ocorre entre mente e corpo. Essas mudanças são importantes para que os sujeitos, não somente, para que consigam se sentir parte da sociedade, mas principalmente, para que se sentam quem realmente são. Petry e Meyer (2011) lembram que as questões de gênero, como elemento constitutivo da cultura e em conexão com a sexualidade, modulam o modo heteronormativo. Modo esse que, em alguns momentos da entrevista, Valéria tenta se desconectar, fazendo com que essa desconexão pareça um enfrentamento os padrões heteronormativos.

Todas essas transformações afetam, sem dúvida, as formas de se viver e de se construir identidades de gênero e sexuais. Na verdade, tais transformações constituem novas formas de existência para todos, mesmo para aqueles que, aparentemente, não as experimentam de modo direto. (Louro, 2000, p.7)

Louro (2000) lembra que as mudanças no corpo (mudança de gênero) ainda são questionadas de forma radical pela sociedade. No entanto, tais questões estão ligadas a vida pessoal do sujeito que tenta firmar uma identidade afirmando que "o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos." (p.9). Pois é isso que fundamenta nossas ações e constrói os relatos pessoais de nossas biografias, histórias de vida que nos enunciam com coerência.

Considerações de Encerramento/Desfecho

Ainda haja muito que se aprender sobre os gêneros, sobre identidades sociais e sexualidade, no presente estudo, abordamos e discutimos o corpo como uma extensão política e consequência de uma construção histórica e cultural com inúmeras nuances. Problematicar as questões de gênero, vinculadas as histórias de vida constitui uma tentativa de entendimento sobre o processo social e cultural de constituição dos sujeitos. Nesse sentido, a psicologia, assim como as demais disciplinas da área das Ciências Humanas, pode contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito dessas questões, especialmente, a partir do uso do método das histórias de vida que parte do pressuposto que as pessoas podem descrever ou explicar o mundo em que vivem.

Contudo, ao concluirmos o presente estudo, inúmeras questões emergiram ensejando a realização de novas pesquisas. Especialmente, interessa-nos indagar qual o papel das políticas públicas em favor das minorias? Até quando os transexuais terão que se esconder da sociedade, pois os que se mostram são atacados ou mortos e, infelizmente, viram estatísticas de violência? Buscar respostas a essas perguntas visa contribuir para que a sociedade passe a enxergar cada sujeito, simplesmente, como ser

humano, independente, de classe, gênero, religião, opção sexual, etc. E, mais do que isso, respeitar a história de vida de todos os sujeitos. Histórias de vida repletas de alegrias, tristezas, sonhos e metas.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14. p. 79-95, set 2003.
- ABREU, Waldir Ferreira de. História de vida como metodologia de pesquisa: o relato de vida de um menino de rua da Praça da República em Belém do Pará. *Revista Margens Interdisciplinar*. v.1, n.2 41-55, 2004.
- ALMEIDA, Guilherme Silva De; Diversidade De Gênero, Violência E A Importância De Uma Compreensão Ampliada Do Tema. *Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*. Vitória/ES, 2018.
- ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; Desafios Da Equidade De Gênero No Século XXI. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(2): 292, maio-agosto/2016.
- ASSIS, Cleber Lizardo de. Teoria queer e a resolução CFP n. 1/99: uma discussão sobre heteronormatividade versus homonormatividade. *Bagoas n. 06 | 2011 | p. 145-155*.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006:pp.329-376.
- CAETANO, Carla Lavarda Concentino, SCISLESKI, Andrea. Era uma vez um menininho torto: desajustamentos sociais e práticas cotidianas. *P o l i s e P s i q u e*, V o l . 1 , n 2 , 2011.
- CAVALCANTI Camila Dias, Práticas Bissexuais: Uma Nova Identidade Ou Uma Nova Diferença?. *Polêm!ca*, v. 9, n. 1, p. 79 – 83, janeiro/março 2010.
- CECCARELLI, Paulo Roberto, TRANSEXUALISMO. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2008.
- HARAWAY, Donna. "Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu* (22) 2004: pp.201-246.
- JESUS; Jaqueline Gomes. ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS; Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional – EDA/FBN Registro EDA/FBN nº 563034, Livro 1074, Folha 91 Protocolo EDA/DF 2012 nº 366. Brasília, 2012.
- LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. *Conceição | Conception*, Campinas, SP, v.10, e021002,2021
- LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Espaços educativos e produção das subjetividades gays, travestis e transexuais. *Revista Brasileira de Educação*.v. 20 n. 62 jul.-set. 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. O Corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.07-35, 2000.
- _____. Gênero E Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.
- MEYER, Dagmar E. Estermann, KLEIN, Carin, ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 46. p. 219-239. dez 2007.
- PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, v. 10, n. 1, p. 193-198, jan/jul. 2011.

- PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. Berlendis Editora Ltda, editora@berlendis.com. São Paulo, p. 116-149, 2009.
- POCAHY, Fernando Altair. A Heterossexualidade como regime de verdade: problematizações na cama do humano moderno. Sistema de Bibliotecas - UFBA, 195 p. - Babado acadêmico do Recôncavo Baiano: universidade, sexo e diversidade. 2017.
- PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA; CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 05/10/1988: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 26 mai 2018, 20:03.
- PRESIDENCIA DA REPÚBLICA; DECRETO 8.727 - NOME SOCIAL: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm> Acesso: 28 mai 2018, 22:45.
- SANCHES, Julio Cesar. O beijo gay da telenovela Amor à vida ou na heteronormatividade como redenção dos anormais. Sistema de Bibliotecas - UFBA, 195 p. - Babado acadêmico do Recôncavo Baiano: universidade, sexo e diversidade. 2017.
- SAVELI, Esméria de Lourdes, Narrativas Autobiográficas De Professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. Práxis Educativa. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan.-jun 2006.
- SILVA, André Luiz dos Santos, NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, (26)1: e40862.
- SILVA, Mariah Rafaela; GOVERNO, VIGILÂNCIA E TRANSEXUALIDADES: Limites (est)éticos e a (im)possibilidade de reconhecimento subjetivo-identitário. Vol. 03, N. 10, Abr. – Jun., 2020. <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>>
- SPINK, Mary Jane; Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais www.centroedelstein.org.br Rua Visconde de Pirajá, 330/1205 Ipanema – Rio de Janeiro – RJ CEP: 22410-000. Brasil Contato: bvce@centroedelstein.org.br - 2013.
- TEIXEIRA, Flavia Do Bonsucesso, Histórias Que Não Têm Era Uma Vez: As (In)Certezas Da Transexualidade. Estudos Feministas, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.
- Entrevista de 20/07/2014 disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1raXfEtn6TM>> Acesso em 20 set 2018, 10:40.
- Entrevista de 09/03/2016, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0balbI6WAeM>> Acesso em 10 out 2018, 20:30.
- Entrevista de 03/05/2016, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=n8e-8mAa1zo&t=20s>> Acesso em 10 out 2018; 21:10.
- Entrevista de 02/09/2017, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tkN1FB34BHU>> Acesso em 14 out 2018, 14:30.
- Entrevista de 24/10/2017, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jOBqPOpRE34&t=206s>> Acesso em 20 set 2018, 15:50.
- Entrevista de 17/07/2018, disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/14/valeria-barcellos-da-silva-a-voz-e-o-canto-em-defesa-da-dignidade-para-as-mulheres-trans_a_23465149/?utm_hp_ref=br-todo-dia-delas&ncid=other_homepage_tiwidkz83gze&utm_campaign=mw_entry_recirc> Acesso em 02 nov 2018, 13:15.

Valéria: A life story

Abstract: The memorialistic narratives, autobiographies, diaries have been producing a methodological path in the context of the research. Life stories such as method, emphasize the character of the complex studies of daily subjects' lives, as well as the analyzes about gender and sexuality. In this reflection, we bring a piece of the story of Valéria, black, artist and transsexual. Problematizing the life history of a person, within the compulsory force of heteronormativity that constitutes us as a society, will be our purpose in this reflection. In the field of this complex problem, this paper has the objective of discussing these processes, following as reference the gender studies, along with life histories.

Keywords: Sexual Diversity, Transsexuality, Heteronormativity, Autobiographical Narratives.

Recebido: 13/04/2021

Aceito: 21/12/2021